

Novo posicionamento de grandes empresas no Brasil



Ivan Leão, diretor da Ivens Consult

OPINIÃO

07/11/2019



Ao atingir novembro, os desfechos do ano de 2019 estão apresentados. A missão de observar os fatos, estabelecer as relações entre eles e sugerir tendências possíveis é sempre uma tarefa estimulante. Ao pesquisar grandes empresas que estão chegando ao Brasil, porque enxergam oportunidades, ou as que aqui já estão e buscam um novo posicionamento, boas surpresas foram encontradas. Essas notícias, objeto deste artigo, consideram um contexto de três fatores: 1) busca por alternativa de investimentos no setor real que ofereçam como garantia recebíveis robustos; 2) aproveitar oportunidades no setor de infraestrutura, claramente elencadas no programa de desestatização e de parcerias público-privadas; 3) o fim do ciclo “Estado empresário” e investidores interessados em migrar da aplicação em títulos públicos para projetos de empresas privadas. A seguir, as empresas observadas e seus negócios.

Worley — Energy, Chemicals, Resources — A empresa, com sede na Austrália, tem presença em 51 países, emprega mais de 57 mil pessoas e apresentou um faturamento de US\$ 6,4 bilhões em 2019. O presidente da empresa, Andrew Wood, destaca no Relatório Anual de 2019 a transformação ocorrida com a aquisição da divisão de energia, química e recursos minerais da Jacobs, com sede nos EUA (pagamento em dinheiro e ações). A Worley se repositona no mercado mundial, passando a atuar com maior foco nas

Américas. No Brasil, realizou associação com a Enaval, de Niterói (RJ), para atuar no mercado de descomissionamento de plataformas de petróleo. Traz a extensa experiência em projeto, gerenciamento, construção, fabricação, soluções tecnológicas e de engenharia em diversos segmentos, incluindo o de refino de petróleo.

Já tem como clientes no país a Vale e a Alcoa. Tem destacada participação em projetos de produção de petróleo e gás offshore e construção de sistemas para atender o mercado de gás natural. No Brasil, deverá acompanhar oportunidades de produção mineral com grande demanda futura, como alumínio, cobre, níquel, lítio e cobalto, essenciais para as energias solar e eólica, carros elétricos e baterias, segmentos onde o país possui jazidas e necessita viabilizar a produção para diversificar seu parque produtivo.

Entre os parceiros e acionistas da Worley que poderão se interessar por projetos no Brasil, dois merecem atenção: o grupo Jacobs, listado entre os maiores grupos fornecedores na área de defesa, detém tecnologia de cybersegurança e desenvolvimento de sistemas para cidades inteligentes; DAR Group, nome pelo qual é conhecida a empresa de projetos de engenharia Shair & Partners, de origem libanesa, que nos últimos 50 anos se tornou uma das 10 mais importantes empresas mundiais de projetos de engenharia independentes. Na origem, o nome da empresa era Al-Handasah, que em tradução livre significa a casa da engenharia. O grupo tem empresas de projeto de engenharia e arquitetura no Oriente Médio, Ásia, África, Europa e EUA. Realiza projetos de cidades, faz planos diretores urbanos, desenvolve projeto de aeroportos e, principalmente, é uma referência para grandes investidores internacionais e é reconhecido por ter seus projetos aprovados pelo Banco Mundial.

Magni Partners — A empresa, com sede em Londres, tem como acionista o empresário nascido na Noruega Tor Olav Troim. A Magni Partners chega ao Brasil com ampla cobertura da imprensa, já que sua proposta para comprar quatro navios-sonda (quase prontos) foi aceita pelos credores da Sete Brasil. A negociação, que ocorreu praticamente durante todo o ano de 2019, aproveita ativos de perfuração de petróleo offshore que serão arrendados à Petrobras a preços de mercado. O empresário também é acionista da Borr Drilling (sondas fixas autoelevatórias) e da Golar LNG. Esta última, com a Stonepeak Infrastructures Partners, é acionista (50% cada uma) da Golar Power, que opera seis FSRUs (Floating, Storage, Regasification Unit — Unidade Flutuante de Armazenamento e Regaseificação) no mundo, sendo três no Brasil, para a Petrobras e para usinas térmicas de geração de energia à base de gás natural no Porto do Ceará (Pecém) e em Sergipe.

A Stonepeak, com sede em Nova York, nos EUA, é uma gestora de investimentos que administra US\$ 15 bilhões em recursos. A operação dos navios-sonda ficará com a brasileira Etesco, empresa de engenharia que atualmente opera um navio-sonda para a Petrobras, mas sua história inclui obras no setor de saneamento básico e energia. O interessante são as ligações de Tor Olav Troim com a Stolt Nielsen, operadora de navios de transporte de combustíveis, e a John Friedrikson, acionista da Seadrill e da FronLine, uma das maiores empresas mundiais de navios petroleiros. Petroleiros e navios aliviadores de plataformas de petróleo são ativos com perspectivas de demanda no Brasil.

Teekay Offshore — Em maio de 2019 a Brookfield completou a aquisição da Teekay Offshore, que deixou de pertencer à Teekay Corporation. A Teekay Offshore é operadora de plataformas (FPSO) de produção de petróleo e de navios aliviadores (shuttle tankers) e tem entre seus clientes no Brasil a Petrobras — para quem opera as plataformas de Libra —, a Enauta e a Transpetro, que afreta navios aliviadores. Olhando os recentes negócios da Brookfield no Brasil, vemos uma mudança de posição de tradicional investidor no mercado imobiliário a investidor em infraestrutura. Adquiriu, em 2019, a rede de gasodutos NTS, da Petrobras. Anteriormente investiu na VLI (transporte ferroviário), indicando que o novo acionista da Teekay Offshore pode apoiar o movimento para aumentar a participação da empresa na oferta de serviços de transporte de petróleo bruto.

Atos — A gigante francesa da computação, com receita total no valor de € 12,25 bilhões, vendeu, em março, um supercomputador Fênix para a Petrobras. Com essa conquista, inicia novo posicionamento no mercado brasileiro. O supercomputador tem tecnologia Bull

(comprada pela Atos em 2014), foi 80% construído no Brasil, tem 55,2 mil gigabytes de memória e mais de 48 mil núcleos computacionais. Este é um caso típico de empresa que muda ao avaliar oportunidades no mercado. No Brasil existem perspectivas de mercado no segmento de petróleo e gás, na área de telecomunicações (5G + IOT) e na área de defesa em análise de cenários de combate (situational awareness). A Atos traz consigo parcerias com a Siemens (acionista com 11,4% do controle), Google Cloud, SAP, Ben Marine Naval Combat Management, Jacobs (parceiro da Worley) e Big Data Cyber Security. Interessante observar as coincidências que se repetem, indicando potencial. Para o segmento empresarial em geral, a maior participação da Atos no mercado local representa competição no segmento de Edge Computing, que significa capacidade de computação na margem da rede, ou seja, grande capacidade de processamento e Big Data acessado através da nuvem com apoio de sistemas de Analytics e Inteligência artificial que envia à rede do cliente resultados conforme suas prioridades.

Evercore — A Evercore de Roberto Altman, ex-Black Rock e ex-analista do Tesouro dos EUA, fundada em 1996, detém 8,2% do mercado de advisory e o primeiro lugar em fusões e aquisições entre os bancos de investimento independentes nos EUA. Já participa do mercado brasileiro e, segundo notícias, vai aconselhar a Hidrovias do Brasil na seleção de um parceiro acionista. A especialidade da Evercore provavelmente terá grande demanda, já que as mudanças em andamento devem promover dois tipos de movimentos dos empresários no Brasil: venda da empresa ou busca de um novo sócio para reposicionar o plano de negócios. A Evercore atuou como advisory na fusão entre as gigantes norte-americanas da área de defesa United Technologies e Raytheon, em 2019, colocando a empresa em evidência no mercado financeiro.